

PANFLETOS HOLANDESES

Quem estuda o período da dominação holandesa no Norte do Brasil, não pode prescindir das informações contidas nos panfletos. Ao nosso ver, quem estuda esse período e não quiser se cingir simplesmente à enumeração dos feitos guerreiros, os panfletos são indispensáveis.

Não há período da nossa história colonial - talvez mesmo da história nacional - que possua tão vasta literatura, como a fase do domínio flamengo.

Além dos livros já bem conhecidos de Albuquerque, Barlaeus, Brito Freire, Calado, Raphael de Jesus, Moreau, Santa Teresa, Nieuhoff, existem pequenas brochuras impressas na Holanda, muito menos conhecidas e que nos trazem muitas informações sobre história econômica, administrativa etc. É pena que não se possa dizer o mesmo quanto à história social. O que talvez pudesse ter sido causado pelo espírito excessivamente mercantil da Companhia das Índias Ocidentais. (O Sr. Goulart de Andrade disse uma vez - Notas sobre Domingos Fernandes Calabar, Maceió, 1897 - que essa Companhia só tinha de comercial o nome. Mas isso é conversa fiada do Sr. Goulart.)

É sabido que a preocupação única dos diretores era o dinheiro. A principal causa do ataque à Capitania de Pernambuco foi a cobiça dos largos rendimentos dos engenhos, pau-brasil etc. Disso tinham eles informações através dos judeus comerciantes no Brasil, que se correspondiam com as judiarias de Amsterdam, Haia etc. Ou pelas notícias que do Brasil levavam as naus piratas da Holanda que corriam a nossa costa. E tomavam ciência de tudo. Dos ventos. Das marés. Dos portos. Dos bons ancoradouros. Exemplo bem frisante é aquele Ms. de Hessel Gerritsz: *journaux et Nouvelles tirées de la bouche de marins. Hollandais et Portugais de la Navigation aux Antilles et sur les côtés du Brésil*. (Dos Anais da Biblioteca Nacional, nº XXIX de 1907, tradução por E. J. Bondam). Deve-se levar ainda em conta o fato de ter sido encontrado na Biblioteca de Leiden um Ms. dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* escritos em 1618. Quem já leu este livro (Academia Nacional, Rio, 1930) pode calcular quanto poderia ele ter influenciado no espírito dos mercadores flamengos. Basta citar um trecho: (...) "se as três capitanias, que são a de Pernambuco, a de Itamaracá e a da Paraíba quando foram todas de um senhor livre e isento na jurisdição e vassalagem, lhe haviam de render, em cada um ano, mais de um conto de ouro", isto é, mais do que rendia todo o reino de Portugal aos cofres públicos. (Dial. IV dos *Diálogos* cit.). Há ainda a considerar o fato de serem holandeses o maior número dos estrangeiros - não contando os portugueses, donos da terra - que havia em Pernambuco. Na *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil - Denúncias de Pernambuco - 1593-1595 - pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça* (São Paulo, 1929) há referências a nada menos de seis holandeses: Maria de Almeida, "a flamenga mulher do mundo"; padre Joan Baptista, "que dixeu ser flamengo de nação natural de Olanda"; Manuel Nunes, de quem não há mais informações do que ser flamengo; André Pedro, mercador; Alberto Rodrigues, empregado de André Pedro e Antônio Vilhete caixeiro do senhor de engenho Fernão Soares e já "ladino no Português".

Os comerciantes dos Países Baixos se mostraram conhecedores da situação do Brasil. Do quanto renderiam os engenhos. O pau-brasil. O transporte pela WIC das mercadorias do Brasil para a Holanda e vice-versa. É só ler o que escreveu Jan Andries Moerbeek no, *Redenen Waeromme de Vvest Indische Compagnie dient te trachten het Landt van Brasilia den Coninck van Spangien te ontmachten, en dat ten eersten* etc, Amsterdam, 1624; ver o livrinho de Johan de Laet, *Hispanie, sive De Regis Hispaniae Regnis et opibus Commentarius*, ed Elzevier, 1629; a *Lyste vant ghene de Bresil jaerlycks*

can opbrenghen (s.l.s.t.s.a., talvez de 1625). Ao que se poderia juntar um interessante *Reysboeck van het rijke Brasilien, Rio de la Plata ende Magallanes, Daer inte sien is De gheleghenthey van hare Landien ende Steden, haren kandel ende wandel, met de Vruchten end Vruchtbaerhey der selver: Ales met Copere platen uytghebeelt*, escrito por N.G. (?). Traz a data de 1624 - Knuttel (*Catalogus van de pamfletten etc. Eerste Deel. Tweed Stuk* - 1621-1648, Haya, 1889), nota que este *Reys-boeck* foi visivelmente impresso posteriormente.

Talvez por essa preocupação quase exclusiva - os holandeses que vinham para cá, tinham em mira fazer fortuna; não vinham com vagares de observador - não possamos encontrar informações quanto à vida social, a vida de família, a vida sexual, o regime de trabalho escravo, a alimentação etc. O que se encontra - e isso em grande quantidade - são informações econômicas, bem interessantes, é verdade, cifras, cálculos de venda, lucros. Há os panfletos que berram contra a roubalheira. Do gênero do *Brasilische Gelt-Sack* ou do *De Brasilische BreedeByl*, para só citar os mais conhecidos.

Exceções podemos citar. Traduzido há o *Breve discurso sobre o estado das quatro Capitánias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil*, in Rev. do IAHGP, nº 34 e as *Actas do Synodo e Classes do Brasil, no século XVII, durante o domínio holandês*, traduzidos por Souto Maior (Rio, 1917). Em holandês, o citado *Reys-boeck* e uma interessantíssima carta de um predicante holandês, *Dominus Frederik Soler*, intitulada *Cort ende sonderlingh Verhael van eenen Brief van Monsier Soler, Bedienaer des H. Euangely inde Ghereformeerde Kercke van Brasilien. Inde welcke hy aen eenighe syne vrienden, daer hy aen schryft, verhaelt verscheyden singulariteyten van 't Landt...* Tot Amsterdam, Anno 1639 (in - 4º, 12 pags.)

Esse, um dos mais interessantes depoimentos quanto aos costumes e usos durante a dominação holandesa. Vêm informações sobre os índios, suas guerras. ("Quanto eles vão à guerra, seja ela no mar ou em terra, vão todos com mulher e meninos, papagaios, gatos, cachorros que eles estimam acima de todas as coisas do mundo"), notícias da catequese dos columins, dos índios Tapuias que - diz o predicante - habitavam o Rio Grande e a margem sul do Rio de São Francisco. "Esses sim são verdadeiros selvagens". Das danças dos Tapuias escreve que gostam de dançar e tocar como os brasileiros (Tupis), mas suas danças têm uma cadência diferente e no fim delas fazem um berreiro horroroso.

Dos portugueses: "Nesta terra os naturais são portugueses, isto é, os que vieram de Portugal e seus filhos, há também negros de Angola e Guiné em grande número, e também seus filhos são chamados "criollos". Da união dum português com uma mulher índia vem uma espécie de gente (*een soorte van luyden*) que é chamada de "mamelucos", e com uma negra "mulatos": ambos "má gente".

Dos negros: "Atualmente nós os unimos pelo casamento, não sem grande trabalho; eu os caso a maior parte das vezes, e, mais tarde, eles me trazem seus filhos para batizar. São astutos e propensos para maldade... Propendem por um lado para a fornicação, bebedeira, danças e roubo, indecentes nos ditos, e isto é uma coisa monstruosa"...

Quando um deles morria, informa *dominus Soler*, juntavam-se homens, mulheres e meninos e dançavam a noite inteira, cantando, batendo em pequenos tambores (ilus e ingomes) e outros instrumentos. Perguntavam, cantando, dirigindo-se ao morto: ai, ai, ai, por que morreste?; ai, ai, ai, falta-lhe pão; ai, ai, ai, falta-lhe peixe?, "e assim por diante com toda espécie de comida e bebida". Na Biblioteca pública do Estado há a reprodução de uma gravura de Zacarias Wagener, representando um desses toques.

Dos judeus: "Dos naturais portugueses, a maior parte é judeu, ou cristãos novos, isto é, irmãos e irmãs dos primeiros; os outros são papistas.

No *Reys-boeck* encontram-se diversos mapas das principais capitânicas. No de Pernambuco aparecem a cidade de Olinda, canoas carregando mercadorias para os navios, a fortaleza de terra, a aldeia Povo mais tarde o Recife, o castelo de "Punta de Marim", os arrecifes, as jangadas de pescadores, a capelinha de Nossa Senhora de Nazaré, um senhor de engenho a cavalo e a mulher dele na rede, carregada por dois negros e de chapéu-de-sol aberto. É pena que não me tivesse sido possível arranjar uma reprodução dessa gravura, do exemplar existente na Biblioteca Nacional.

Os primeiros panfletos depois da conquista de Pernambuco são versos em louvor dos conquistadores e à terra. Até o próprio Barlaeus escreveu uns versinhos em latim, que são bem pouco conhecidos. Que eu conheça sobre o mesmo assunto, escreveram também Samuel Ampzing, Petrus Baardt e J. Revius.

Depois disso, o fato que maior número de panfletos fez aparecer foi o comércio livre e seu fechamento posterior. Foi um fuxico enorme. Protestos. Reclamações. Apareceram então alguns mostrando ao vivo o estado da colônia. Cheia de ladrões. Cada um que roubasse mais. Que tratasse de enriquecer o mais depressa possível. Panfletos com data de 1647, 1648 e 1649. Em breve é a revolução que estoura.

Eles aparecem então mostrando e provando a conviência da metrópole no movimento. Documentos mostrando a torpe traição de Hoogstraten. Descrições das batalhas dos Guararapes. Por fim duas cópias dos artigos da rendição.

Como se vê, são indispensáveis os panfletos para quem queira estudar este período atribulado de nossa história. É pena que seja ainda tão difícil a sua consulta. No Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano encontram-se as cópias tiradas na Holanda sob a direção competente e honesta de José Higino. E - diga-se a verdade - algumas com sua letrinha bem ruim.

Na Biblioteca Nacional há grande número de panfletos, na maior parte, os que pertenceram a Salvador de Mendonça. Alguns com o ex-libris de Alfredo de Carvalho.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 9 mar. 1935. Artigo publicado no livro *Tempo de Jornal*, 1998.